



INFINITUM

ISSN: 2595-9549

Vol. 9, n. 19, 2026, 1 - 33

DOI: <https://doi.org/10.18764/2595-9549v9n19e25313>

Felicidade conjugal:

uma análise fenomenológica-hermenêutica de *Cenas de um Casamento* de

Ingmar Bergman

Lidiane Veronica Collares da Silva

Instituição: Centro Universitário UNDB

E-mail: lidianecollares@hotmail.com

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-8760-7873>

Iasmim Ribeiro Martins

Instituição: Centro Universitário UNDB

E-mail: iasmimrm@gmail.com

ORCID: <https://orcid.org/0009-0008-1119-5380>

Resumo: Este estudo explora diversas perspectivas e interpretações da felicidade conjugal, utilizando como referência a análise do livro e minissérie *Cenas de um Casamento* de Ingmar Bergman. Busca-se compreender a evolução da concepção de felicidade conjugal ao longo de diferentes períodos históricos e como esse conceito pode ser interpretado através da análise do relacionamento dos protagonistas Johan e Marianne. Além disso, examina-se como os desdobramentos da história desse casal retratado como feliz, influenciou as formas de existência. A pesquisa é classificada como básica, com uma abordagem qualitativa, seguindo os princípios metodológicos da pesquisa fenomenológica - hermenêutica: reconstrução, destruição e construção do fenômeno. Conduziu-se uma revisão de literatura, utilizando fontes variadas, como livros, artigos e teses em língua portuguesa e estrangeira, que abordam as diversas concepções de felicidade e conjugalidade. Essa abordagem fundamentou a discussão sobre a felicidade conjugal, conectando-a com a obra em questão. Após a apresentação do embasamento teórico, a análise da obra foi conduzida sob duas perspectivas distintas: uma baseada em critérios estabelecidos pela literatura clássica e outra através de uma abordagem existencialista. Como conclusão, destaca-se que a felicidade conjugal abrange a liberdade individual de cada parceiro na



construção de seu próprio significado, ademais se revela um conceito profundamente complexo e continua a ser um campo aberto à exploração nas esperas das existências.

Palavras-Chave: Felicidade conjugal. Cenas de um casamento. Ingmar Bergman. Existência. Liberdade.

Marital happiness: a phenomenological-hermeneutic analysis of *Scenes from a Marriage* by Ingmar Bergman

Abstract: This study explores different perspectives and interpretations of marital happiness, using as a reference the analysis of the book and miniseries *Scenes from a Marriage* by Ingmar Bergman. The aim is to understand the evolution of the conception of marital happiness throughout different historical periods and how this concept can be interpreted through the analysis of the relationship between the protagonists Johan and Marianne. Furthermore, it examines how the developments in the story of this couple, portrayed as happy, influenced their forms of existence. The research is classified as basic, with a qualitative approach, following the methodological principles of phenomenological research - hermeneutics: reconstruction, destruction and construction of the phenomenon. A literature review was conducted, using varied sources, such as books, articles and theses in Portuguese and foreign languages, which address the different conceptions of happiness and conjugality. This approach supported the discussion on marital happiness, connecting it with the work in question. After presenting the theoretical basis, the analysis of the work was conducted from two different perspectives: one based on criteria established by classical literature and the other through an existentialist approach. In conclusion, it is highlighted that marital happiness encompasses the individual freedom of each partner in the construction of their own meaning, in addition, it reveals itself to be a deeply complex concept and continues to be a field open to exploration in the waiting times of existence.

Keywords: Marital happiness. Scenes from a wedding. Ingmar Bergman. Existence. Freedom.

Felicidad marital: un análisis fenomenológico-hermenéutico de *Escenas de un matrimonio* de Ingmar Bergman

Resumen: Este estudio explora diferentes perspectivas e interpretaciones de la felicidad conyugal, utilizando como referencia el análisis del libro y miniserie *Escenas de un matrimonio* de Ingmar Bergman. El objetivo es comprender la evolución de la concepción de felicidad conyugal a lo largo de diferentes



periodos históricos y cómo se puede interpretar este concepto a través del análisis de la relación entre los protagonistas Johan y Marianne. Además, se examina cómo la evolución de la historia de esta pareja, retratada como feliz, influyó en sus formas de existencia. La investigación se clasifica como básica, con enfoque cualitativo, siguiendo los principios metodológicos de la investigación fenomenológica - hermenéutica: reconstrucción, destrucción y construcción del fenómeno. Se realizó una revisión de la literatura, utilizando fuentes variadas, como libros, artículos y tesis en lengua portuguesa y extranjera, que abordan las diferentes concepciones de felicidad y conyugalidad. Este enfoque apoyó la discusión sobre la felicidad conyugal, conectándola con la obra en cuestión. Luego de presentar las bases teóricas, el análisis de la obra se realizó desde dos perspectivas diferentes: una basada en criterios establecidos por la literatura clásica y otra a través de un enfoque existencialista. En conclusión, se destaca que la felicidad conyugal abarca la libertad individual de cada cónyuge en la construcción de su propio significado, además, se revela como un concepto profundamente complejo y continúa siendo un campo abierto a la exploración en los tiempos de espera de existencia.

Palabras clave: Felicidad conyugal. Escenas de una boda. Ingmar Bergman. Existencia. Libertad.

INTRODUÇÃO

Na contemporaneidade se perpetua um questionável imperativo de culto e obrigatoriedade em ser feliz; há uma propagação massificadora dessa ditadura, que fomenta a necessidade de ser feliz em todas as ocasiões, o tempo todo (Pereira, 2017).

Marin (2004) nas palavras de Neves, Dias e Paravidini (2013), faz considerações similares, quando elucida que, uma vez que o não sofrer se tornou um imperativo, um dos principais objetivos do homem moderno tem sido a evitação do sofrimento, em um corpo social que promove a ilusória ideia de que é possível ser tudo aquilo que se desejar ser, carecendo apenas do esforço individual de cada pessoa. Assim a contemporaneidade é afamada por uma sociedade que busca por uma perfeição tanto física quanto emocional. Dias (2007), por sua vez, explicita que na atualidade, aquele que apresenta dificuldades para ser feliz, é compreendido como alguém fraco e incumbido pela culpa de ser como tal. Tal concepção posiciona o sujeito em um local de grande vulnerabilidade, haja vista que a dor a ser eliminada é ela própria a fonte de sofrimento.



Neves, Dias e Paravidini (2013) ainda destacam que esse ideal de felicidade se estende ao campo da vida matrimonial, que embora aparente ser um paradigma que só atualmente tem se manifestado de forma mais intensa, não tange a algo recente, mas habita há um tempo considerável o imaginário popular. De forma análoga, Dias (2007) faz um resgate de expressões e cantigas populares que reporta a essa concepção, quando cita a célebre entoada de aniversário: *Com quem será? Com quem será? Com quem será que o (a) vai casar?*, indicando a supervalorização do casamento, o autor destaca também as expressões comumente usadas como “almas gêmeas” e “cara metade”, alimentando a crença fantasiosa de completude no outro, para só então ser feliz, e ainda não esquecendo do encerramento das telenovelas, minisséries, filmes e principalmente histórias infantis, o renomado “e foram felizes para sempre”, onde o matrimônio é retratado como objetivo final da vida do indivíduo.

Nesse tocante, Dias (2007) destaca que nos dias atuais há a persistência e nutrição de uma expectativa de que o parceiro seja capaz de suprir o estado faltante e de desamparo do outro, buscando neste a realização e o conceito ideal de felicidade, “[...] laço primário, dual que exige uma reciprocidade, uma troca perfeita onde um tem que saciar o outro, paranoia conjugal que aprisiona e limita” (Dias, 2007, p. 24).

Em Martins (2009) encontra-se leitura semelhante, quando a autora observa a representação do dito “pessoa certa”, ser frequentemente relacionado à perspectiva de que um indivíduo carrega a responsabilidade pela felicidade de um outro, nota-se a concepção de completude que o componente simbólico “único e verdadeiro amor” carrega, nessa perspectiva, a felicidade se manifesta quando o indivíduo encontra sua completude no outro.

Indubitavelmente o campo das relações matrimoniais e todo o intrincado tecido que a envolve, toca a uma temática que desperta grande interesse nos indivíduos, não por acaso, o cinema, ao longo do seu percurso histórico, abordou essa



temática sob diversas perspectivas. Uma das mais famosas obras embaladas por essa temática, trata-se da minissérie *Cenas de um Casamento* (Bergman, 1973). Considerada uma dilacerante radiografia das relações conjugais, nessa trama o cineasta sueco Ingmar Bergman (1918-2007) demonstra como “[...] o ideal burguês da segurança material corrompia o cotidiano emocional e os contextos pessoais do ser humano” (Rico, 2022, p. 57).

Bergman apresenta ao telespectador Marianne e Johan, um casal que usufruem de uma vida tranquila, onde o êxito e a felicidade matrimonial se fundamentam na estabilidade financeira, em suas posições na sociedade, na boa relação familiar, nas amizades e, ainda mais significativamente, na segurança das certezas que sustentam o relacionamento. “Eles apresentam uma imagem maravilhosa do que seria um casamento quase ideal” (Bergman, 1974, p. 7). Ambos nutrem a crença de que a rotina lhes garantirá contentamento e veem isso como sinônimo de felicidade (Gado, 1986).

Para Gado (1986), o drama central de *Cenas de um Casamento* reside na revelação da angustiante sensação de liberdade vivenciada por um casal de meia-idade. Desse modo, se consagrou como um enorme sucesso, dado a sua relevância como um documento social atual, que toca inúmeros maridos e esposas que estão vivenciando transformações significativas nos alicerces do casamento contemporâneo. “As atribulações de Johan e Marianne refletem seus próprios dramas, encenados abertamente ou em teatros ocultos da mente por trás de máscaras de felicidade conjugal” (Gado, 1986, p. 431, tradução nossa).

A supracitada obra inspirou releituras e teve uma recente adaptação, indicando sua notável relevância no cenário do cinema contemporâneo, pode-se conjecturar que a sua abordagem a questões existenciais e a natureza conflitiva das relações humanas, conjunturas estas que permanecem atuais, leva os telespectadores



a envolver-se com a estória de modo a refletir em suas vivências pessoais. Em consonância ao elucidado, Rico (2022) reporta, que ao estabelecer conexões com a experiência real do indivíduo, a ficção tem a capacidade de modificar perspectivas, crenças e, por conseguinte, a maneira pela qual a pessoa observa e vivencia sua vida. Posto isso, emerge a seguinte problemática: Como a concepção de felicidade conjugal abordada na obra *Cenas de um Casamento* de Bergman repercute nas formas do existir?

Dito isto, objetiva-se investigar como a felicidade conjugal foi concebida em diferentes períodos históricos, bem como esse conceito pode ser compreendido a partir do complexo campo da relação matrimonial de Marianne e Johan. Metodologicamente, consiste em uma pesquisa de natureza básica e de abordagem qualitativa. Trata-se de uma revisão de literatura relacionada ao documento *Cenas de um Casamento*, minissérie e livro, para discutir o entrelaçamento entre matrimônio e felicidade. Para tanto, a pesquisa segue o caminho de investigação fenomenológico-hermenêutico conforme descrito por Feijoo (2021), realizando-se a partir de três momentos: a reconstrução, que toca como a tradição, as publicações clássicas comumente abordaram essa temática; o segundo momento consiste na destruição, onde as verdades estabelecidas pela tradição passam a ser questionadas, este processo se desencadeia a partir da análise das representações apresentadas na minissérie; e após as diretrizes que moldam o pensamento acerca dessa temática terem sido desveladas, adentra-se ao terceiro momento, a construção de um novo olhar, uma outra forma de pensar o fenômeno.

RECONSTRUINDO CENÁRIOS: felicidade e relações conjugais

Dado que as concepções e compreensões sobre a felicidade e a conjugalidade abrangem um campo amplo e complexo, não seria surpreendente que a noção dessas duas circunstâncias entrelaçadas também seja intrincada e multifacetada.



Assumindo essa premissa, Perlin (2006) destaca que grande parte dos contos de fadas que são compartilhados com as crianças descrevem o casamento como o ápice da felicidade e um momento crucial na vida. No entanto, a maioria dessas histórias descreve o ato do casamento "eles casaram-se e foram felizes para sempre", sem oferecer orientações sobre como construir e manter essa suposta satisfação eterna, ou mesmo sem definir o que exatamente essa satisfação representa.

Mas afinal, o que caracteriza um relacionamento satisfatório? Nesse tocante, Mosmann, Wagner e Féres-Carneiro (2006) em sua revisão, enfatizam que, embora haja um anseio por descobrir fórmulas mágicas que forneçam um guia para um casamento feliz, estudos científicos na área demonstram que, devido à complexidade desse fenômeno, não existem soluções simples para essa questão.

De acordo com Mosmann, Wagner e Féres-Carneiro (2006), há uma quantidade significativa de estudos dedicados ao tópico da felicidade conjugal. No entanto, a abundância de pesquisas não se traduz necessariamente em uma compreensão aprofundada. Segundo as autoras, muitos desses estudos carecem de uma estrutura teórica comum para direcionar a escolha de variáveis e métodos.

No contexto dessas pesquisas, busca-se investigar as razões pelas quais alguns casais mantêm estabilidade relacional enquanto outros não conseguem, e o porquê alguns são felizes enquanto outros são infelizes. No entanto, percebem-se lacunas nas investigações, especialmente na negligência em compreender a dinâmica dessas relações e em desenvolver modelos explicativos sobre os mecanismos que levam a tais estados distintos. Diante da ausência de tais modelos, evidencia-se também um desafio na definição teórica da felicidade no contexto conjugal. Esse vazio conceitual é muitas vezes atribuído pelos pesquisadores à subjetividade inerente à avaliação de cada indivíduo sobre o que considera satisfatório em um casamento. Em vista dessa falta de clareza conceitual, percebe-se também, ao examinar a literatura



recente sobre esta temática, que termos como satisfação, felicidade e qualidade conjugal são empregados como sinônimos em muitas pesquisas (Mosmann; Wagner; Féres- Carneiro, 2006).

Trata-se de uma problemática persistente, uma vez que, nos estudos de revisão de Hicks e Platt (1970) sobre a felicidade conjugal na década de 1960, já se relatava que os desafios de definição na pesquisa sobre a felicidade conjugal tornaram-se significativos devido à ausência de uma teoria fundamental que estabelecesse um conjunto homogêneo de conceitos.

Desse modo, expressões como “felicidade”, “satisfação”, “sucesso” e “ajustamento” eram utilizadas para descrever o estado subjetivo do enlace conjugal. No entanto, essas palavras apresentavam múltiplas conotações semânticas, e os pesquisadores em ciências comportamentais que investigaram tais fenômenos enfrentaram dificuldades em estabelecer definições precisas para cada uma delas. Em vez disso, a abordagem adotada pela maioria dos estudiosos da época consistia em permitir que os sujeitos fornecessem suas próprias definições, tornando, por conseguinte, inviável a realização de comparações verdadeiras. E diante da ausência de um acordo em relação à definição, não só dificultou a comparação e a aplicação generalizada, mas também prejudicou a credibilidade dos resultados (Hicks; Platt, 1970).

Considerando esse fato, o presente estudo optou por empregar todas as nomenclaturas supracitadas, a fim de evitar redundância. Sem desconsiderar as observações feitas pelas autoras previamente citadas, as quais enfatizam a complexidade desse conceito e indicam que as análises de resultados e pesquisas relacionadas frequentemente são inconclusivas e frágeis. Doravante, nosso objetivo é examinar, por meio da consulta da literatura, a evolução desse conceito em diferentes



contextos históricos nos quais as pesquisas sobre relações afetivas foram conduzidas, bem como as diversas abordagens e perspectivas adotadas para definir esse fenômeno.

Miranda (1986) enfatiza que o ponto de partida da abordagem científica da Satisfação Conjugal pode ser situado em 1929, com a publicação de Gilbert Hamilton, intitulada *A research in marriage*. Inicialmente, os primeiros estudos, baseados na pesquisa de Hamilton, adotaram uma abordagem unidimensional, com ênfase nos aspectos positivos em detrimento dos negativos.

A partir da década de 1930, conforme as pesquisas realizadas por Machado (2007), os estudos passaram a enfatizar que os traços individuais da personalidade, como estabilidade, desejo e sociabilidade, exercem uma influência significativa na qualidade das relações conjugais. Nesse período, as investigações receberam considerável influência das teorias da personalidade, com o objetivo geral de resolver a questão sobre quais traços individuais seriam mais propícios para a felicidade conjugal. Além disso, essas pesquisas destacaram a relação entre a qualidade do casamento e a semelhança entre os parceiros casados em termos de personalidade, opiniões e atitudes.

Scorsolini-Comin (2009), por sua vez, observa que, em algumas das primeiras definições registradas na década de 1950 em relação à felicidade conjugal, havia uma ênfase na tendência à acomodação entre os parceiros. Nesse contexto, a ideia de estabilidade, ajuste e flexibilidade entre os cônjuges era valorizada como um elemento significativo para a qualidade do relacionamento.

Dando continuidade à evolução da pesquisa, é pertinente voltar ao estudo de Hicks e Platt (1970) no que tange felicidade conjugal na década de 1960, onde foram identificadas algumas variáveis da época que mostraram correlações com a satisfação nessa esfera. Esses fatores incluíam “estatutos profissionais, rendimentos e níveis educacionais mais elevados para os maridos; semelhanças entre marido e mulher em



termos de status socioeconômico, idade e religião; recompensas afetivas, como estima pelo cônjuge, prazer sexual, companheirismo” (Hicks; Platt, 1970, p. 555, tradução nossa). No entanto, as pesquisadoras declaram que em razão da deficiência de amostragem, tais resultados são questionáveis.

As autoras ainda mencionam a dinâmica de transição entre dois modelos de casamento existentes naquela época: o casamento institucional, que remonta aos anos 1960, e o casamento de companheirismo, que emergiu no início dos anos 1970. No casamento institucional, a felicidade estava vinculada à conformidade com as leis, normas e valores sociais vigentes na época. Desse modo, um casamento que seguisse os protocolos sociais, com papéis claramente definidos e desempenhados por cada cônjuge, era considerado um casamento feliz. Por outro lado, o casamento de companheirismo enfatizava os aspectos emocionais do relacionamento. Nesse estilo, fatores como apreço pelo cônjuge, intimidade sexual, companheirismo e comunicação entre os parceiros estavam mais associados à felicidade conjugal (Hicks; Platt, 1970).

Continuando a narrativa histórica desse conceito, Dela Coleta (1989a, 2001 *apud* Machado, 2007) apresenta as principais descobertas das décadas de 1970 e 1980 em relação aos fatores identificados como determinantes do sucesso no casamento. De acordo com os resultados de suas pesquisas, os principais elementos percebidos como influentes para o êxito no casamento estão principalmente relacionados a variáveis como: “amor, amizade, desejo de compartilhar momentos bons com o cônjuge, afeto, sexo, comunicação, compatibilidade, comunhão de ideias, traços de personalidade.” (Machado, 2007, p. 37).

Amato *et al.* (2003), por sua vez, desenvolveram uma comparação acerca da qualidade conjugal entre os anos de 1980 e 2000, avaliando a partir de três dimensões distintas: felicidade conjugal, interação entre a díade e inclinação ao divórcio. Para alcançar tal objetivo, foi utilizada uma escala composta por 10 itens relacionados à



felicidade conjugal, os quais abrangiam perguntas como: "Quão feliz você está com a quantidade de compreensão que você recebe do seu cônjuge? Com a quantidade de amor e carinho que você recebe? Com sua sexualidade na relação? Com o seu casamento em geral?" (Amato *et al.*, 2003, p. 7, tradução nossa). Os resultados do estudo indicaram que, apesar das inúmeras transformações sociais ocorridas ao longo das duas décadas, os índices médios de satisfação conjugal foram praticamente os mesmos nos dois períodos. Diante disso, os pesquisadores concluíram que, apesar dos inúmeros obstáculos que os casais enfrentam para se ajustarem a um contexto social em constante evolução, o casamento revela-se como uma instituição adaptável.

No tocante à competência necessária para o sucesso no casamento, pesquisas indicam que a capacidade de comunicação desempenha um papel fundamental. Segundo observado por Figueredo (2005), quanto mais eficiente for a comunicação experimentada pelo casal, maiores podem ser os níveis de satisfação alcançados. Em concordância, Afonso (2018) ressalta que a felicidade e a durabilidade de um relacionamento têm uma ligação significativa com a forma como as pessoas se comunicam. O autor alude que a maioria das pesquisas indicam que casais menos satisfeitos tendem a ter interações mais negativas, enquanto aqueles que estão satisfeitos demonstram habilidades de comunicação mais construtivas. Também observa que a abordagem adotada para resolver um conflito parece ter mais impacto do que a natureza do próprio conflito. Os casais mais felizes tendem a mostrar menos comportamentos ofensivos, evitativos e violentos, ao passo que demonstram um maior compromisso em suas interações.

Ademais, Afonso (2018) em sua revisão realiza uma análise abrangente abordando diversos aspectos relacionados à felicidade conjugal, com destaque para o amor, a expressão de afeto e a sexualidade. Segundo o autor, o amor assume um papel essencial na manutenção dos relacionamentos ao longo do tempo, sendo



frequentemente considerado um indicador significativo da satisfação conjugal, especialmente quando se leva em consideração a discrepância entre parceiros reais e ideais, com o amor sendo suscetível às influências dos sentimentos em relação ao parceiro real e o modo como afeto é percebido por este. Além disso, os afetos e suas expressões, de acordo com o pesquisador, também têm um papel significativo, promovendo a compreensão e a validação do parceiro, o que acarreta em sentimentos de aceitação e reconhecimento, contribuindo, por conseguinte, para o aprimoramento da felicidade a dois. O autor também enfatiza a importância das relações íntimas e a expressão sexual para uma maior satisfação na relação, estimulando a conexão emocional e promovendo a autenticidade na revelação de sentimentos, desse modo, causa um impacto positivo na qualidade do relacionamento, embora esses aspectos possam ter significados distintos entre os diferentes gêneros.

Quanto a este último, Dias (2000) declara que a compatibilidade sexual é um fator determinante na qualidade, estabilidade e equilíbrio da relação, sendo objeto de análise e de frequentes questionamentos. A diminuição do desejo sexual, segundo a autora, pode ser interpretada como um indício de que alguma coisa não está correndo bem na relação ou entre os parceiros envolvidos.

É notório que há uma considerável quantidade de pesquisas e tópicos relacionados associados à felicidade conjugal, ou àquilo que se convencionou denominar como tal. Isso reflete o fato de que esse tema tem recebido atenção significativa por parte de diversos pesquisadores. Paralelamente, observa-se que essa temática tem suscitado considerável interesse e também tem ocupado uma posição de destaque nos contextos dramatúrgicos. Como Carvalho (2014) destaca, as relações matrimoniais ganham representações na televisão, no cinema e nas publicações como uma forma eficaz de assegurar na vida das pessoas a presença do companheirismo, do romantismo, do apoio, da realização sexual e do bem-estar. Essa perspectiva justifica



por que a maioria ainda vê as relações conjugais e íntimas como o ambiente que melhor atende às necessidades de afeto, fidelidade, companheirismo e intimidade emocional e sexual.

Considerando o exposto, no capítulo seguinte, aprofundaremos nossa análise ao explorar como esse conceito pode ser relacionado ao intrincado cenário da relação matrimonial de Marianne e Johan, conforme retratado na obra *Cenas de um Casamento*.

DESTRUINDO CENÁRIOS: A felicidade de Johan e Marianne

Cenas de um Casamento como conhecida no Brasil, ou *Scener ur ett äktenskap* em sueco, seu título original, marcou a estreia de Ingmar Bergman (1973) como criador de séries televisivas. A minissérie que se tornou um grande sucesso, inicia-se com declarações autocomplacentes e termina com a revelação da "verdade", quando o casal decide abandonar suas máscaras. E entre um episódio e outro, Gado (1986) nos reporta, que os problemas do casal se tornaram tema de discussão, infiltrando-se nos pensamentos dos telespectadores, de maneira semelhante ao que ocorre com os amigos e conhecidos na vida real. Dessa forma, Johan e Marianne adquiriram uma dimensão que transcende aquela representada na tela da televisão. Para Gado (1986), o que intriga e desperta curiosidade do público é a invasão da privacidade pela câmera, a tela se transforma em algo tão próximo quanto a janela de um vizinho e, ao mesmo tempo, um espelho que reflete o público para si mesmo. O interesse desses episódios está na exposição da "vida real" e não na artificialidade com a qual uma semelhança da realidade é construída.

O impacto foi tamanho, que a minissérie é amplamente reconhecida por ter provocado um aumento significativo na taxa de divórcio na Suécia, bem como,



também lhe é atribuída a responsabilidade pela diminuição na realização de matrimônios. Hägg (2005, p. 276 *apud* Hedling, 2008, p. 76, tradução nossa) delinea o contexto exclusivamente social, histórico e imediato de *Cenas de um Casamento*:

As festas de casamento caíram o pico de 61.101 em 1966 para o mínimo de 38.251 em 1973. Os divórcios aumentaram para um grau correspondente de pouco mais de 10.288 em 1966 para 16.021 em 1973. Em 1974, quando a nova lei de casamento de Carl Lidbom entrou em vigor, o número subiu para um recorde de 26.802.

Vários artigos na época foram publicados descrevendo como a série estimulou diálogos construtivos sobre o casamento. Os casais, ao contemplarem o drama de Johan e Marianne, passaram a identificar falhas em seus próprios casamentos e buscaram auxílio para resolver as complexidades de suas vidas. O *Expressen*, renomado jornal sueco publicado em formato de tabloide, em 27 de maio de 1973, comunicou que uma longa fila em busca de aconselhamento familiar se formava, e a espera por atendimento, que outrora durava cerca de 3 semanas, após os efeitos da série, poderia se estender até 3 meses (Duncan; Wanselius, 2008). Um conselheiro familiar em nota ao *Expressen* relata o cenário da época:

Certamente esta série desencadeou uma reação. As filas não param de crescer. Nesta primavera, muitas pessoas se inscreveram em agências de aconselhamento quando chegam na agência, dizem que a série os fez perceber que precisam fazer algo a respeito de seus problemas. Eles mergulharam nos problemas. Começaram a se perguntar: para onde realmente estamos indo? (Hedling, 2008, p. 81-82, tradução nossa).

No site da Fundação Ingmar Bergman (s.d), que disponibiliza informações e imagens de documentos do arquivo oficial *Ingmar Bergmans Arkiv*, doado pelo cineasta e reconhecido como Patrimônio Mundial pela UNESCO, descobrimos que Bergman teve a necessidade de adquirir um número de telefone confidencial para evitar chamadas de pessoas que desejavam discutir seus casamentos com ele. Mas o que há de tão instigante nessa série para provocar tamanha comoção?



De acordo com seu criador, Bergman (1974), Johan e Marianne personificam uma conformidade meticulosa, criados sob as rígidas normas da ideologia da segurança material. Eles nunca questionaram a natureza restritiva ou falsa dos princípios burgueses que permeiam sua existência. Moldaram suas vidas de acordo com um padrão cuidadosamente estabelecido, o qual estão prontos para transmitir às gerações futuras.

No início de cada episódio da minissérie, salvaguarda o primeiro e o último, Bergman usa sua voz para realizar um breve resgate ao conteúdo do capítulo anterior, e essas introduções sempre se iniciam com: "Johan e Marianne são casados e felizes há 10 anos [...]" (Bergman, 1973). Essa afirmação é reiterada em diversas ocasiões e circunstâncias. A Sra. Palma, por exemplo, expressa: "Vocês são verdadeiramente felizes. Não é assim? Tudo o que vocês contam parece tão fantasticamente belo. Mas, claro, pelo menos algumas pessoas deveriam ter o direito de viver em perfeição" (Bergman, 1974, p.17). Johan, orgulhoso, afirma: "Fomos considerados como um casal quase ideal" (Bergman, 1974, p.14). Peter enfatiza: "[...] estamos debaixo de um telhado de felicidade, no qual não convém colocar nenhuma mancha de merda emocional" (Bergman, 1974, p. 21). Em uma ligação com a mãe, Johan assegura: "[...] Marianne e eu estamos ótimos. Estamos cheios de saúde, alegres, fortes e positivos. E completamente, temerariamente, felizes juntos" (Bergman, 1974, p. 47). Diante disso e de outros trechos semelhantes, leva-nos a investigar o significado e a complexidade da felicidade retratada nesta minissérie.

Convém reconhecer que as obras de Bergman ostentam uma grande riqueza e complexidade, que de forma alguma pode-se dizer que contempla uma única temática. Contudo, dado que o propósito central deste estudo é realizar uma análise sobre a felicidade conjugal a partir da minissérie *Cenas de um Casamento*, doravante nos dedicaremos a uma análise minuciosa dos elementos narrativos que se vinculam com



esse aspecto. Nossa análise levará em consideração os aspectos supracitados nesta pesquisa que a literatura convencionalmente associa à felicidade conjugal.

Ideal de segurança e comodidade

Logo no primeiro episódio, destaca-se a presença de elementos que aparentemente respaldam a felicidade do casal. Ao serem entrevistados pela Sra. Palm, Marianne e Johan articulam um discurso que enfatiza a importância da estabilidade, ausência de conflitos, status social, rotina e acima de tudo, segurança material como os pilares fundamentais para a sustentação do casamento ideal apresentado pelo casal.

Marianne: Não temos tido preocupações materiais de qualquer espécie. Temos boas relações com parentes e amigos de ambos os lados [...] Marianne: E assim tem continuado. Temos bons empregos dos quais gostamos. Somos saudáveis. Johan: E assim por diante, num grau quase indecente. Segurança, disciplina, conforto e lealdade. Dá até para desconfiar (Bergman, 1974, p.14).

O valor atribuído à estabilidade e ao que é cômodo, é perceptível ao longo de grande parte da estória, no entanto, essa valorização embora reconfortante também é geradora de angústia. Em um dia comum, Marianne empenha-se em romper com o roteiro que sua vida segue. Ela decide cancelar o jantar de domingo, costumeiramente alternado entre a casa de seus pais e a dos sogros. No entanto, a ligação para a mãe se encerra com a confirmação da visita habitual. Frente à frustração causada pelo insucesso de sua intenção, Marianne expressa intensa insatisfação com a dificuldade de quebrar a rigidez de suas vidas, onde cada momento é pré-determinado e preenchido com antecedência, e mesmo durante as férias, que geralmente é um momento associadas à espontaneidade e descontração, o casal ainda se sente preso a uma estrutura rígida.



Na tentativa de romper mesmo que sutilmente com a rotina, Marianne sugere a ideia de ir ao trabalho no mesmo carro que Johan, indicando um anseio por experiências mais espontâneas e menos planejadas, expressando um certo entusiasmo em "passar os dias ao sabor das correntes" (Bergman, 1974, p.42). No entanto, Johan revela sua aversão a improvisações, preferindo uma abordagem mais estruturada e previsível, assumindo um conforto em seguir a rotina, pois lhe é sinônimo de segurança. O que chama a atenção é que Johan é o responsável por romper de forma definitiva com esse ciclo ao decidir sair de casa para se lançar em uma nova relação. Cerca de um ano após o rompimento de Marianne e Johan, o ex-casal se encontra para um jantar, e nesse encontro, em conversa com Johan, Marianne menciona que, seguindo as orientações do seu psiquiatra em anotar tudo o que lhe viesse à mente, relata ter chegado a uma conclusão estranha, que denota uma mudança de perspectiva quanto a noção de segurança:

No mundo cor de rosa em que tanto Johan e eu vivemos maquinal e inconscientemente, existe uma brutalidade e uma crueldade implícitas que me fazem medo, cada vez mais, à medida que eu penso nelas. Para comprar uma segurança superficial, esta exige um preço alto: é aceitar uma rápida despersonalização (eu acho, em especial, que esta regra diz respeito às mulheres, os homens tem marginais um pouco melhores) (Bergman, 1974, p. 96).

A fala de Marianne sugere que, embora muito confusa, ela está começando a compreender a complexidade e os aspectos latentes que envolvem sua vida com Johan. O "mundo cor de rosa" pode estar relacionado à superficialidade da felicidade conjugal e daquilo que um dia foi concebido como ideal. Revela o quanto a manutenção desse mundo idealizado esconde uma brutalidade latente que resulta em "despersonalização". Esta, por sua vez, pode ser entendida como a perda da própria autenticidade em prol de atender às normas e expectativas desse mundo idealizado, visando à manutenção de uma segurança superficial.



Amor e homologia de valores

No que tange ao sentimento amplamente valorizado e considerado de extrema importância pela literatura para a constituição da felicidade conjugal, nem sempre se fez presente na relação de Johan e Marianne. Como o próprio casal declara, a união dos dois não se pode dizer que se deu por amor, resolveram morar juntos ao se sentirem sós, abandonados e aborrecidos em virtude dos relacionamentos anteriores. Nas palavras de Marianne: “de modo nenhum estávamos enamorados um do outro, estávamos apenas aborrecidos” (Bergman, 1974, p.14), meio ano mais tarde ao oficializaram a união, o casal afirma que o sentimento já permeava a relação “[...] já nos estávamos amando, amando muito mesmo... fomos considerados como o casal quase ideal” (Bergman, 1974, p.14). Mas, ao ser questionada pela Sra. Palm a falar sobre o amor, Marianne demonstra uma ininteligibilidade quanto ao que seria esse sentimento e apresenta até certo desprezo em traçar um conceito de forma convencional, destacando aspectos que ela privilegia em vez do amor, aspectos esses que possivelmente refletem seus próprios sentimentos em seu relacionamento com Johan:

A mim, ninguém me disse o que é amor. Eu nem sequer estou certa da necessidade de sabê-lo. [...] Por mim, acho que basta se uma pessoa for boa para quem vive com ela. Carinho também faz bem. Bom humor, companheirismo e tolerância. Ambições razoáveis a respeito um do outro. Se pudermos servir todos esses ingredientes assim... então já não terá tanta importância o amor (Bergman, 1974, p.18).

Em outro momento, Marianne é novamente confrontada por esta mesma temática, em seu escritório, ela se defronta com a Sra. Jacobi, que expressa o desejo em romper um casamento de 20 anos alegando falta de amor. A personagem declara: “Aí, ele [o marido] me pergunta do que é que esse amor devia consistir. E eu tenho



respondido a ele centenas de vezes que não sei, já que é impossível descrever uma coisa que não existe” (Bergman, 1974, p.45). A reação de Marianne parece sugerir que as palavras da Sra. Jacobi lhe despertaram um *insight*, esta premissa é corroborada quando a Sra. Jacobi enumera os elementos presentes em seu casamento, como "camaradagem, lealdade, carinho, amizade, conforto e segurança" (Bergman, 1974, p. 45), que são semelhantes aos aspectos que Marianne havia mencionado anteriormente como superiores ao amor. No entanto, para a Sra. Jacobi, esses elementos não foram suficientes para a manutenção do seu casamento.

Em uma das cenas finais da estória, ambos casados com outras pessoas, compartilham suas reflexões sobre a capacidade de amar, Johan faz sua autoavaliação: “Sentir amor é também talento. E eu não tenho esse talento” (Bergman, 1974, p. 148), Marianne, por sua vez, compartilha suas próprias ponderações, declarando: “Às vezes, lamento nunca ter amado pessoa nenhuma. Eu acho também que nunca fui amada. Isso me deixa um pouco desapontada” (Bergman, 1974, p. 154). Diante disso, Johan expressa uma visão que pode ser interpretada como uma aceitação mútua das limitações em seus sentimentos de amor e da singularidade de seu relacionamento com Marianne: “Eu acho que a amo à minha maneira, restrita e bastante egoísta. E, às vezes, acho que você me ama à sua maneira, briguenta e fria. Eu acho, pura e simplesmente, que você e eu nos amamos um ao outro. De uma maneira terrena e restrita” (Bergman, 1974, p. 155).

No tocante a homologia de valores, Johan e Marianne exemplificam uma dicotomia em suas perspectivas. Johan valoriza a boa condição financeira como um elemento fundamental em um relacionamento, enquanto Marianne enfatiza a importância de compartilhar valores e compreensão mútua, independentemente das circunstâncias financeiras. Para fundamentar sua tese, Johan apresenta um cenário hipotético em que ambos trabalham em uma fábrica, possuem filhos na creche e



mantêm empregos com horários alternativos. Ele parece considerar que a estabilidade financeira é crucial nesse cenário. Marianne, por outro lado, enfatiza a importância de falar a mesma língua, o que simboliza compartilhar valores e entendimento mútuo, independentemente das circunstâncias: “Se falamos a mesma língua a gente se compreende, um ao outro, seja lá onde se estiver” (Bergman, 1974, p. 28). Johan considera essa perspectiva romântica, enquanto Marianne acredita que existem riscos na falta de compatibilidade e na solidão em um relacionamento.

No diálogo que se segue após o casal assistir à peça *Casa de Bonecas* de Ibsen, também ilustra uma discordância em relação a valores, uma vez que Johan expressa sua desaprovação em relação à temática feminista, e critica a postura destas ao tentar provocar uma mudança entre suas companheiras de gênero, descrevendo como “algo de desmedidamente patético nas mulheres feministas” (Bergman, 1974, p.54). Por outro lado, Marianne demonstra ser uma apoiadora do movimento e adota uma perspectiva otimista ao declarar: “Estamos apenas no começo, espere e você verá” (Bergman, 1974, p. 54).

Comunicação e satisfação sexual

Como mencionado anteriormente, com exceção do primeiro e último episódios, ao fazer um breve resumo do capítulo anterior, Bergman (1973, episódio 1, 1min26s) apresenta o casal protagonista com o discurso usual: “Johan e Marianne são casados e felizes há 10 anos [...]” A exceção em relação ao primeiro capítulo ocorre devido à ausência de elementos a serem recapitulados. Quanto ao último episódio, destaca-se uma interessante alteração: “Johan e Marianne estão casados há dez anos e, nunca tendo discutido, consideram-se felizes” (Bergman, 1973, episódio 6, 1min26s).



Diante do que já foi explicitado, não podemos afirmar que a ausência de desentendimentos do casal, é resultado necessariamente da inexistência de conflitos, mas sim de sua tendência em evitá-los, parafraseando o título do segundo episódio, esses conflitos são sistematicamente escondidos sob o tapete. Essa conjuntura, aponta uma lacuna em uma competência apontada pela literatura como importante para a qualidade conjugal: a comunicação.

Destaca-se que a maneira como um conflito é abordado pode exercer uma influência mais significativa do que a própria natureza do conflito. Procederemos as análises dos trechos da série a fim de compreender como os conflitos de Marianne e Johan são delineados.

Em *Cenas de um casamento* (Bergman, 1974, p. 64), lemos: “Johan: Será que não podemos jogar essa questão para o alto? Marianne: Mas que graça, você jamais quer acabar os assuntos. Mas eu não quero aborrecê-lo durante muito tempo, meu querido.” O contexto desse diálogo, o esforço para evitar aborrecimentos está centrado em uma questão relativamente superficial, envolve a decisão de usar ou não um *smoking*. Entretanto, a observação de Marianne sobre Johan nunca querer concluir uma conversa, sugere que na dinâmica de comunicação do casal há um padrão em evitar, resolver ou chegar a uma conclusão em certas conversas, possivelmente por receio de desentendimentos ao longo do processo. Esse padrão também pode ser observado em um dos conflitos mais recorrentes a ser evitado, o qual também está relacionado a um aspecto abordado na literatura como influente na qualidade do relacionamento: a satisfação sexual.

Em uma determinada cena quando esse tema emerge, Marianne chega a questionar Johan: “Por que é que você, pelo contrário, não exprime cá para fora tudo o que sente e pensa” (Bergman, 1974, p. 58), Johan, por sua vez, responde que não vê sentido em fazê-lo, pois toda vez que ele aborda o assunto, Marianne costuma ficar



irritada. Então Johan, mais uma vez, a fim de evitar uma discussão indesejada, interrompe a conversa sugerindo que eles vão para a cama, alegando que já está tarde.

Apesar de Marianne demonstrar insatisfação com a relutância de Johan em discutir o assunto, ela repetida vezes demonstra desgosto pela temática, argumentando que uma pessoa pode falar excessivamente sobre tópicos como a vida sexual. E que embora ela considere a comunicação aberta algo importante, ela acredita que neste caso deve haver exceção, considerando que aspectos como este, deveriam ser mantidos parcialmente ocultos, protegidos da introspecção excessiva, e que devem seguir seu curso na semiobscuridade.

Conforme mencionado anteriormente neste estudo, como observado por Dias (2000), a redução do desejo sexual pode ser interpretada como um indício de possíveis problemas na relação ou na interação entre os parceiros. Nesse contexto, a validação da tese em questão pode ser apoiada pelas declarações de Marianne após o rompimento: “[...] a respeito de não termos mais alegria em fazer amor um ao outro. Nenhum de nós entendeu que eram tudo avisos. Brilhavam lâmpadas vermelhas e sinais de ‘pare’ à nossa volta. Mas nós achávamos apenas que assim devia ser. Nós nos declaramos satisfeitos” (Bergman, 1974, p. 119).

CONSTRUINDO CENÁRIOS: Máscaras de felicidade ou de liberdade?

Haja vista que as noções que o homem estabelece com o seu Eu é atravessada por esses ideais de felicidade, é lícito admitir que os valores, virtude e bens que os indivíduos desejam obter para a conquista desse ideal afetam a sua forma de existir. Poderíamos dizer que o casamento de Johan e Marianne acabou por falta de felicidade? Ou seria mera simplificação, uma vez que, como já explicitado, toca a um fenômeno instável, com diferentes níveis de abstração com inúmeras possibilidades de



concepções e sentidos em que a própria literatura não consegue chegar ao consenso no que tange a sua definição nem na escolha de métodos e critérios de avaliação? E quanto avaliação inerentemente subjetiva do que cada indivíduo considera satisfatório em um casamento?

Diante disso, não buscamos chegar a uma conclusão ou a um conjunto de regras, modelos e construtos que defina ou direcione o indivíduo para caminho da felicidade conjugal. Mas objetivamos possibilitar um novo olhar para além de uma avaliação de critérios pré- definidos, uma vez que dentre os vários conceitos aqui dispostos não adotamos um em específico para denotar a felicidade, pois a compreendemos como uma postura do homem perante a sua existência, a uma escolha pessoal diante da sua liberdade e do fardo da responsabilidade desta. Assim, a felicidade conjugal envolve a liberdade de cada parceiro em criar seu próprio significado, comprometendo-se com a autenticidade e respeitando a liberdade do outro.

Como mencionado no início desse estudo, segundo Gado (1986), *Cenas de um Casamento*, revela a angustiante sensação de liberdade vivenciada por Johan e Marianne. Essa angústia se evidencia durante toda obra, todavia, nos concentraremos nos fragmentos dos episódios *O Vale das Lágrimas* e *Os analfabetos* (Bergman, 1973,1974), para lançar luz sob a este construto, mas para tanto, primeiro é licito elucidar, a concepção de liberdade dentro do existencialismo de Sartre. Para Sartre (1970), a liberdade é o cerne da essência humana, não estando pré-determinada. Cada pessoa possui a capacidade de moldar sua própria existência por meio de suas escolhas. Nesse sentido, a liberdade está relacionada à capacidade de cada indivíduo de autodeterminar-se e assumir a responsabilidade por suas decisões. “O homem é tão-somente, não apenas como ele se concebe, mas também como ele se quer; como ele se



concebe após a existência, como ele se quer após esse impulso para a existência. O homem nada mais é do que aquilo que ele faz de si mesmo” (Sartre, 1970, p. 10).

Todavia, essa liberdade instiga angústia, uma vez que, ao reconhecer-se como livre e responsável por suas escolhas, o indivíduo confronta-se com a total responsabilidade por sua própria existência. Desta forma, ele não pode atribuir suas ações a fatores externos, como um deus, destino, natureza humana ou determinismo. Em vez disso, é compelido a enfrentar a necessidade de tomar decisões e arcar com as consequências destas. Ao mesmo tempo em que a liberdade permite a realização e a autenticidade, ela também coloca o indivíduo diante do vazio e da incerteza, haja vista que não existem valores ou diretrizes objetivas para orientá-lo. A angústia então emerge da consciência de que é o próprio indivíduo quem deve criar o significado de sua vida, desprovido de um guia ou propósito preestabelecido (Sartre, 1970).

Podemos inferir que Johan foi o primeiro a tomar consciência de sua liberdade ao romper com o que outrora lhe conferia a falsa sensação de segurança em um casamento feliz. Como ele mesmo expressou, essa sensação de segurança estava ligada a elementos externos, tais como seus bens, a casa de campo, o apartamento, as amizades, os recursos financeiros, as férias, os pais, dentre outros. Era uma vida que, como o personagem observou, exigia técnicas para encontrar satisfação, revelando uma ausência de sentido. Após se desvencilhar de seu antigo ideal e abraçar sua liberdade, Johan afirmou que sua segurança provinha do interior. No entanto, Johan não escapou da angústia que a liberdade pode suscitar.

Você quer saber em que consiste minha segurança? [...] Uma pessoa tem de viver pelo instinto da solidão absoluta. Nessa altura, uma pessoa deixa de lamentar-se, deixa de afligir-se. E aí que uma pessoa, de fato, passa a sentir-se bastante segura e aprende a aceitar falta de sentido da vida com uma certa satisfação. Com isso, não quero dizer que uma pessoa se torne passiva. Acredito que uma pessoa deve lutar o mais possível e o melhor possível. Por nenhuma outra razão a não ser aquela de que uma pessoa se sente melhor fazendo o seu melhor do que desistindo [...] Você já pensou como o vazio faz mal? A gente poderia pensar que eventualmente o vazio deveria dar tonturas



ou enjoos espirituais. Mas o meu vazio faz mal de uma maneira física. Ele dói como se fosse uma queimadura (Bergman, 1974, p. 90).

A ideia de que agora a sua segurança consiste em viver pelo instinto da solidão absoluta pode ser entendida como uma forma de lidar com a angústia existencial. Johan parece estar dizendo que ao aceitar a falta de sentido da vida, ele se sente mais seguro e capaz de enfrentar os desafios da existência. No entanto, Johan parece incapaz de suportar o peso da liberdade, que traz consigo a responsabilidade. Ao tentar equilibrar-se entre as dúvidas que cercam suas escolhas e as consequências delas, ele manifesta o desejo de reconciliar-se com o passado e desistir do divórcio, buscando o conforto da antiga segurança. “Eu quero voltar para casa! Não me olhe assim. Eu sou um fracasso, estou decaindo. Estou com medo e não tenho um lar [...] Eu precisava do nosso lar e da nossa família e de uma vida normal. Estou cansado de ficar sozinho” (Bergman, 1973, episódio 5, 31min35s).

Por outro lado, o enfrentamento inicial de Marianne com sua liberdade não é menos angustiante, ela nadifica a si mesma e preenche o nada que é na sua relação consigo mesma com a má-fé.

Com surpresa sou obrigada a constatar que eu não sei quem sou. Nem um pouco. Eu sempre fiz aquilo que as pessoas me disseram para fazer. [...] Nas minhas relações com os homens. As mesmas constantes dissimulações. As mesmas angustiadas tentativas para ficar dentro da ordem. Nunca cheguei a pensar: o que é que eu quero. Mas sempre: o que é que ele quer que eu queira. Não se trata de uma espécie de desprendimento como eu acreditava antes, mas pura covardia e o que é pior: um completo desconhecimento de quem eu própria sou. [...] pela primeira vez sinto uma tensão violenta diante do pensamento que consiste em procurar saber o que é que eu afinal quero de mim mesma. [...] Repentinamente, reconheço deslumbrada que espécie de pessoa eu teria sido, se eu não me tivesse deixado passar por uma lavagem de cérebro. E eu gostaria de saber agora, se estou irrecuperavelmente perdida. Se todas as possibilidades de alegria por mim e pelos outros, que originalmente existiam inculcadas em mim, estão mortas ou se elas apenas dormem e podem ser acordadas para vida. [...] O nosso erro foi o de não termos rompido com o ambiente de nossas famílias, o de não termos fugido para longe, e de não



termos criado qualquer coisa de fundamental segundo nossas próprias concepções (Bergman, 1974, p. 95-97).

Neste fragmento Marianne além de usar da má-fé, ou seja, ela engana a si mesma para evitar enfrentar uma verdade desagradável (Sartre, 1943), ela nega sua liberdade e responsabilidade, alegando que ao longo de sua vida, apenas cumpriu as expectativas dos outros, sem refletir sobre suas próprias vontades e desejos, atribuindo a terceiros a responsabilidade de tudo que constitui a sua existência, omitindo a importante verdade de que, ao se submeter às expectativas alheias, ela fez essa escolha por si mesma. Como Sartre (1970, p. 37) postula, “Eu posso sempre escolher mas devo estar ciente de que, se não escolher, assim mesmo estarei escolhendo”. Essa perspectiva pode ser interpretada como uma estratégia para evitar a angústia, uma forma de buscar refúgio no conforto que essa ideia lhe confere. Quando Marianne se depara com uma tensão intensa ao considerar a busca em saber o que ela quer de si mesma, parece estar iniciando o processo de assumir sua liberdade e reconhecer a necessidade de romper com as expectativas sociais para descobrir quem realmente é. Esse processo pode ser visto como um caminho para superar a má-fé e encontrar sentido na existência.

Enquanto Johan expressa o desejo de reatar o casamento, Marianne parece mais confiante em abraçar as responsabilidades de sua própria liberdade e empenhada em se lançar a um novo projeto de ser: “você devia estar contente por eu ter me libertado, por eu querer viver a minha própria vida. Você devia seguir o meu exemplo. Liberte-se do passado e comece de novo em outros termos. Este momento é a sua oportunidade” (Bergman, 1973, episódio 5, 37min20s). E sugere que talvez no futuro, possam se libertar das “terríveis máscaras” e viver de maneira mais autêntica.

Marianne: Talvez um dia sejamos bons amigos e com o tempo saberemos exatamente quem somossem essas terríveis...



Johan: Terríveis o quê?

Marianne: Essas terríveis máscaras

Johan: Máscaras?

Marianne: Se pudéssemos nos encontrar como as pessoas que somos e não desempenhando os papéis que designaram para nós.

Johan: Isso é impossível. Começamos a usar essas máscaras na infância. Ninguém jamais se encontra.

Marianne: Não é verdade. Levo uma vida muito mais sincera agora do que jamais levei.

Johan: E mais feliz?

M: Toda essa conversa sobre felicidade é bobagem.

Felicidade, para mim, é saborear uma boa refeição (Bergman, 1973, episódio 5, 38min26s).

Nesse diálogo, Marianne menciona as máscaras como algo que os impedem de se encontrarem com as pessoas que realmente são, essa perspectiva além de expressar má-fé, toca as facticidades da vida, uma vez que a liberdade também é influenciada pelo ambiente circundante. Ao nascer, Johan e Marianne foram lançados em um mundo preexistente, em condições não escolhidas por eles, um mundo carregado de significados que lhes foram atribuídos pelo Outro, e no qual necessitaram se integrar, foram inseridos em uma época específica, permeada por valores, em uma classe social, em uma nacionalidade e diversos outros fatores. Essas determinações do Outro podem ser entendidas como máscaras que foram impostas a Johan e Marianne para se adequar às expectativas sociais e culturais. No entanto, embora existam limites objetivos para a existência humana, é a escolha livre do homem em relação a esses limites que dá significado à sua existência, a liberdade permite que o indivíduo transcenda suas limitações factuais e crie sua própria realidade através de suas escolhas (Sartre, 1970). E ao ter consciência disso, Marianne busca uma vida mais sincera e



autêntica, e sua felicidade, agora se relaciona à realização desse projeto de vida autêntico e livre, no qual ela possa ser fiel a si mesma e assumir a responsabilidade por suas escolhas.

No desfecho da minissérie, nos deparamos com dois projetos que se transformaram por completo em relação ao que costumavam ser. Assim, embora um final feliz, à semelhança dos contos de fadas, onde a plenitude e felicidade reside no outro, possa não ter se concretizado, não podemos julgar Johan e Marianne como menos felizes por isso. O que podemos afirmar é que, nesse processo, eles se tornaram mais apropriados de sua liberdade, livre para criar seu próprio significado e encontrar sua própria autenticidade dentro do relacionamento.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considerando a obra *Cenas de um Casamento* como referência, e utilizando a literatura especializada como guia, este estudo proporcionou uma análise de diversas concepções de felicidade conjugal. A pesquisa foi estruturada em três momentos distintos, o primeiro, delineado no primeiro tópico é fundamentado na analogia metodológica da "reconstrução", teve como objetivo principal explorar as noções de felicidade conjugal ao longo de diferentes períodos históricos. Ao realizar essa investigação, cumpriu-se um dos objetivos deste estudo.

Ao falar sobre felicidade conjugal, se observou um vazio conceitual frequentemente associado à natureza subjetiva do que cada indivíduo considera satisfatório em um casamento. A diversidade de termos utilizados para qualificar uma relação, muitos dos quais são apresentados como sinônimos de felicidade, criou uma conjuntura inicialmente limitadora, dificultando a identificação de produções específicas sobre o tema. Nota-se ainda que a felicidade conjugal constitui uma



temática de relevância no cenário de pesquisa brasileiro, embora tenha sido necessário recorrer a fontes primárias em língua estrangeira, incluindo estudos europeus em língua portuguesa, como provenientes de Portugal. A análise revelou que, apesar da abundância de estudos na área, a ausência de consenso e critérios bem definidos para caracterizar a felicidade conjugal persiste e essa lacuna leva alguns estudiosos a questionar a validade das pesquisas existentes.

No segundo momento, utilizando a alegoria da "destruição", estabelecemos uma relação entre a felicidade de Johan e Marianne e os elementos que a literatura considera fundamentais para a constituição de um casamento feliz. Antes desse exame, fez-se necessário contextualizar a obra, destacando a relevância do material e seu impacto na época. Essa abordagem possibilitou a identificação de uma transformação significativa no panorama das relações matrimoniais daquela época, fornecendo respostas à nossa questão central: como a concepção de felicidade conjugal abordada na obra *Cenas de um Casamento* de Bergman repercute nas formas do existir?

Identificamos que casais que, de alguma forma se identificaram com Johan e Marianne, buscaram a terapia de casal disponível naquela época - o aconselhamento familiar. Ademais, o aumento significativo nos índices de divórcio e a diminuição no número de casamentos sugerem que a obra de Bergman foi uma fonte de reflexão sobre as relações conjugais, impactando as escolhas individuais e coletivas na sociedade daquela época.

Ao explorar a felicidade de Johan e Marianne sob duas perspectivas distintas, alcançamos mais um de nossos objetivos. Inicialmente, destacamos aspectos da literatura que puderam ser associados aos recortes presentes na obra. No âmbito dessa análise, objetivou-se fazer associações, mas não os suscitar como felizes ou infelizes. No terceiro e último momento, por meio da analogia metodológica da "construção", apresentamos uma nova abordagem desse fenômeno. Nosso propósito



neste capítulo não foi contestar as conclusões de uma variedade de estudos sobre a felicidade conjugal, mas, ao adotar uma perspectiva do existencialismo de Sartre, oferecer um outro olhar. Concentramo-nos na felicidade como uma postura existencial, explorando como o ser humano pode exercer sua liberdade em prol de sua felicidade. Ao adotar essa perspectiva, observamos que, diante da impossibilidade de alcançar o que a sociedade determinou como felicidade, emergiram dois seres angustiados e inautênticos ao simplesmente seguir o ideal estabelecido sem questionar. No entanto, ao se apropriarem de sua liberdade, lançaram-se em novas formas de ser-no-mundo, em novos projetos de existência.

REFERÊNCIAS

AFONSO, José de Abreu. **Relação conjugal ao longo do ciclo de vida: satisfação, comunicação, motivação, coesão e adaptabilidade**. 361 f. Tese (Doutorado), ISPA – Instituto Universitário, 2018.

AMATO, Paul R. *et al.* Continuity and change in marital quality between 1980 and 2000. **Journal of marriage and family**, v. 65, n. 1, p. 1-22, 2003.

BERGMAN, Ingmar. **Cenas de um casamento** [Minissérie]. Produção de Lars-Owe Carlberg. Suécia: Cinematograph AB, 1973.

BERGMAN, Igmar. **Cenas de um casamento sueco**. 1º Edição. Rio de Janeiro: Editorial Nórdica Ltda, 1974.

CARVALHO, Tânia Alexandra Martins. **Determinantes da satisfação conjugal: felicidade, bem-estar subjetivo, personalidade e satisfação sexual**. 105 f. Tese (Doutorado), Universidade Católica Portuguesa, Braga, 2014.

DIAS, Andrea Gonçalves. **Campo-relação na clínica do conjugal: reflexões psicanalíticas sobre a cultura hoje**. 158 f. Dissertação (Mestrado), Programa de Pós-Graduação em Psicologia, do Instituto de Psicologia da Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2007.



DIAS, Mônica. **A construção do casal: um estudo sobre as relações conjugais contemporâneas**. 229 f. Tese de Doutorado não publicada, Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2000.

DUNCAN, Paul; WANSELIUS, Bengt. Los archivos personales de Ingmar Bergman. Editora: Taschen, 2008, p. 452.

FEIJOO, A. M. L. C. Suicídio & Luto: da investigação fenomenológico-hermenêutica às práticas clínicas fenomenológico-existenciais. 1º Edição. Rio de Janeiro: Edições IFEN, 2021.

FIGUEREDO, Patrícia da Motta Vieira. A influência do locus de controle conjugal, das habilidades sociais conjugais e da comunicação conjugal na satisfação com o casamento. **Ciências & Cognição**, v. 6, 2005.

GADO, Frank. The Preserve and Scenes from a Marriage. *In*: GADO, Frank. **The passion of ingmar bergman**. Durham: Duke University Press, 1986. p. 422-433.

HEDLING, Erick. Konsten att inte sopa problemen under mattan. Ingmar Bergmans Scener ur ett äktenskap. *In*: CRONQVIST, Marie; STURFELT, Lina; WIKLUND, Martin. (Org). **1973 En träff med tidsandan**. Falun: Nordic Academic Press, 2008. p. 71-84.

HICKS, Mary W.; PLATT, Marilyn. Marital happiness and stability: A review of the research in the sixties. **Journal of Marriage and the Family**, p. 553-574, 1970. Ingmar Bergman Foundation. Scenes from a Marriage. Disponível em: <<https://www.ingmarbergman.se/en/production/scenes-marriage>> Acesso em: 15 Set. 2023.

MACHADO, Luciane Medeiros et al. **Satisfação e insatisfação no casamento: Os dois lados de uma mesma moeda?**. 172 f. Dissertação (Mestrado), Programa de Pós-Graduação em Psicologia Aplicada da Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2007.

MACHADO, Luciane Medeiros et al. **Satisfação e insatisfação no casamento: Os dois lados de uma mesma moeda?**. 172 f. Dissertação (Mestrado), Programa de Pós-Graduação em Psicologia Aplicada da Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2007.

MARTINS, Priscilla de Oliveira. **Vivendo casamentos, separações e recasamentos: um estudo sobre o campo representacional da conjugalidade**. 255 f. Tese



(Doutorado), Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2009.

MIRANDA, Ericé da Silva. **Satisfação conjugal e aspectos relacionados: a influência da comunicação, da semelhança de atitudes e da percepção interpessoal**. 192 f. Tese (Doutorado), Fundação Getúlio Vargas Instituto Superior De Estudos E Pesquisas Psicossociais Centro De Pós-graduação Em Psicologia, Rio de Janeiro, 1986.

MOSMANN, Clarisse; WAGNER, Adriana; FÉRES-CARNEIRO, Terezinha. Qualidade conjugal: Mapeando conceitos. **Paidéia (Ribeirão Preto)**, v. 16, p. 315-325, 2006.

NEVES, Anamaria Silva; DIAS, Andrezza Sisoneto Ferreira; PARAVIDINI, João Luiz Leitão. A psicodinâmica conjugal e a contemporaneidade. **Psicologia Clínica**, v. 25, p. 73-87, 2013.

PEREIRA, Claudinei Reis. Pelo direito de não ser feliz: uma breve análise filosófica, sociológica e existencial sobre a ditadura da felicidade. **Trilhas Filosóficas**, v. 10, n. 2, p. 47-69, 2017.

PERLIN, Giovana Dal Bianco. **Casamentos contemporâneos: um estudo sobre os impactos da interação família-trabalho na satisfação conjugal**. 293 f. Tese (Doutorado), Programa de Pós-graduação de Psicologia da Universidade de Brasília, Brasília, 2006.

RICO, Miguel Monteiro. **Reescrever Bergman: a adaptação transnacional de um argumento cinematográfico “Novas cenas da vida conjugal”**. 144 f. Tese (Mestrado). Instituto Politécnico de Lisboa, Escola Superior de Comunicação Social, Lisboa, 2022.

SARTRE, Jean-Paul. **O Ser e o Nada: ensaio de ontologia fenomenológica**. Tradução e notas de Paulo Perdigão. Petrópolis: Vozes, 1943.

SARTRE, Jean-Paul. **O Existencialismo é um Humanismo**. Tradução de Rita Correia Guedes. Editora: Les Éditions Nagel, Paris, 1970.

SCORSOLINI-COMIN, Fabio. **Casar, verbo (in) transitivo: bem-estar subjetivo, conjugalidade e satisfação conjugal na perspectiva da Psicologia Positiva**. 179 f. Tese (Mestrado), Programa de Pós-graduação em Psicologia da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto, Ribeirão Preto, 2009.



Recebido: 05 de dezembro de 2024

Aceito: 15 de julho de 2025

Publicado: 31 de janeiro de 2026

